

Inventário do arquivo histórico do Colégio Pedro II

Elisabeth Monteiro da Silva **

RESUMO

Apresenta o Inventário Analítico do arquivo histórico do Colégio Pedro II. Destaca o valor social do arquivo para a produção de novos conhecimentos e a sua representação como bem simbólico e patrimônio intelectual. Descreve a metodologia para a construção do inventário analítico a partir do estudo de textos das teorias arquivísticas e da classificação e a utilização das normas ISAAR(CPF) E NOBRADE para a padronização e elaboração do registro de autoridade e descrição arquivística do fundo, séries e subséries. Ressalta a importância do arquivo para subsidiar a compreensão da evolução do ensino secundário no país. Faz um levantamento da legislação sobre educação e o colégio entre 1838 a 2009.

O acervo documental é constituído de 600 livros e 60 pastas contendo documentos diversos.

Palavras-chave: Inventário analítico – Arquivo histórico – Colégio Pedro II – Educação.

ABSTRACT

It presents the analytical inventory of the Colégio Pedro II (CPII) historical archives. It emphasizes the social value of the archives to production of new knowledge and its representation as a symbolic and intellectual patrimony. It describes the methodology used to create the analytical inventory considering the study of archival and classification theories and the use of ISAAR(CPF) and NOBRADE standards in order to get standardization and creation of the authority record and archival description of fonds, series and subseries. It emphasizes the importance of the archives to understand the evolution of secondary education in Brazil. It includes a survey on education legislation and CPII between the years of 1838 and 2009.

The archival collection has 600 bound books with 300 pages each and 60 files with different documents, not characterized in the reported items.

Key words: Analytical inventory – historical archives – Colégio Pedro II – Education.

“Extraído do diário do arquiteto de Mnemósine:

*E, assim como eu carrego em mim uma imensa paisagem, uma Cidade sem fim, formada de todos os lugares e de todos os tempos de minha vida, imagino a Memória, esta Mnemósine primordial de que falam as teogonias esquecidas, como uma arquitetura imensa, uma cidade ou um edifício inextricável, através do qual devemos errar sem fim, repleto de corredores subterrâneos e de zonas de sombras, de jardins abandonados que reverteram ao estado selvagem, de criptas e necrópoles onde os nomes se apagam em pedras tumulares, de redutos cheios de antiguidades esquecidas, de bibliotecas silenciosas, de teatros desertos, onde, em palcos sem cenários, aparecem as sombras vaporosas e transparentes que meu olhar projeta do alto dos degraus do anfiteatro, do qual sou o único espectador”.*¹

* Colégio Pedro II-Unidade Centro. Bibliotecária. Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais - Fundação Getúlio Vargas-CPDOC/RJ. E-mail: bethmonteiro@yahoo.com.br

¹ POIRIER, Anne; POIRIER, Patrick. Mnemósine. IN: BARANTIN, Marc; JACOB, Christian (org). *O poder das bibliotecas*. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2000. 351 p.

Os estudos sobre a memória e sua relação com a história ocupam, há muito tempo, um lugar privilegiado nas ciências sociais, dando origem a um campo de trabalho fértil para pesquisadores que se debruçam sobre o tema.

O que é memória? Quais são os objetos da memória? memória é história? Quando começa a história e termina a memória? memória é objeto da história? Quantas memórias existem? A memória é histórica? memória sagrada x história laicizante; memória individual; memória coletiva. A memória é atual x a história é a representação do passado.

As várias questões formuladas para esse campo de estudo dividem e agregam estudiosos, que vão buscar nas matrizes teóricas os conceitos e as categorias que melhor evidenciam e fundamentam a gênese da memória.

Pierre Nora, que identifica uma aceleração do tempo, que atesta o aumento da busca do documento, e uma obsessão pela perda da memória, juntamente com outros pesquisadores, é o fundador do conceito de “Lugares de Memória” e diz que a criação destes é necessária, pois não existe mais a memória.

Le Goff nos apresenta em seu trabalho *História e Memória*, uma história da memória e, trata da sua evolução e estudo, valorizando as relações entre ambas.

Para Le Goff tanto os esquecimentos e os silêncios da história são indicadores de mecanismos (censura, desejo, inibição) de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1993: 13). Isso indica uma seleção do que deve ser esquecido ou lembrado para, “em uma luta de forças sociais” fortalecer o poder estabelecido (LE GOFF, 1993: 13).

Henry Rousso em seu texto “*A memória não é mais o que era*”, apresenta os obstáculos de se escrever uma história da memória, ato nem sempre de fácil execução.

Para ele, em *Mémoire et histoire: la confusion*, a memória é atual, pois traz para o presente, o passado e, um campo de estudos de “uma nova maneira de fazer a história”.

Dialogando com Le Goff e Halbwachs, Rousso também reforça o conceito de que a memória nunca é somente individual, mas coletiva e seletiva, pois determina o que deve ser lembrado ou esquecido, garantindo e perpetuando a continuidade do tempo. E continua, apontando que o objetivo de uma história da memória é, por meio da pesquisa sobre o passado e sua evolução, poder se aproximar de uma noção de memória coletiva, já que a memória é a presença do passado no presente. Entre os problemas apontados na história da memória destaca as diferenças entre a forma como a história erudita, que é a história dos historiadores pode falar sobre um acontecimento do passado, e as percepções que prevalecem no mesmo momento no seio de uma sociedade, num tempo e local determinados (ROUSSO:1998:97).

A história da memória serve como reflexão sobre o trabalho do historiador e, promove a abertura para o debate sobre até que ponto o historiador detém a “verdade histórica”, pois coloca a história erudita onde ela deve estar. “A história é um patrimônio comum, que cabe ao historiador exumar e tornar inteligível a seus contemporâneos” (ROUSSO:1998:99).

Seixas em diz que “A memória encontra-se, assim, prisioneira da história ou encurralada nos domínios do privado e do íntimo, transformando-se em objeto e trama da história, em *memória historizada*” (SEIXAS:2001:41).

No entanto, a memória, é espontânea, está no mundo das sociedades-memória e nas ideologias de memória, é vida, está sempre se atualizando, é afetiva e concreta na medida em que é absoluta, encontra-se no campo do sagrado, da lembrança, é simultaneamente coletiva e individual. Por outro lado, a história é reconstrução, laicização, representação do passado, universal, prisioneira do tempo e do acontecimento, é relativa e crítica.

Para Nora “chegamos, simetricamente, da idéia de um passado visível a um passado invisível; de um passado coeso a um passado que vivemos como rompimento; de uma história que era procurada na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história...” (NORA:1993:19).

Todas essas mudanças condenam o historiador a ocupar um lugar central no entendimento da sociedade, sendo investido, como já foi o arquivista, da condição de homem-memória.

O ARQUIVO HISTÓRICO DO COLÉGIO PEDRO II

“A virtude dos arquivos é pôr-nos em contato com a pura historicidade”²

Do estudo e análise do Arquivo Histórico do Colégio Pedro II – instituição secular de ensino, que é oficialmente tombada como patrimônio histórico – emerge o seu reconhecimento como bem simbólico, caracterizado como um lugar de memória da educação brasileira. Essa circunstância transforma o arquivo histórico do Colégio em instrumento indispensável para análise da história do ensino fundamental e secundário no país.

O arquivo histórico do Colégio Pedro II (denominação dada ao arquivo pela instituição) é formado por um conjunto de documentos administrativos nos quais foram

² LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional;EDUSP, 1970. p. 277 (Biblioteca Universitária, 2. Ciências Sociais 31).

registrados os atos praticados pela instituição desde a sua fundação em 1837 até meados da década de 1990. Este acervo arquivístico está representado por atas da Congregação, livros de concursos para professores, o primeiro livro de avisos do Imperial Collegio de Pedro II de 1838, livros de matrículas, livros de exames preparatórios, ofícios enviados, ofícios recebidos, avisos do Ministério do Império, livros de ocorrências disciplinares, livros de colação de grau e bancos de honra, livros de contabilidade, livros de nomeações de professores e funcionários, etc.

O acervo documental é constituído de 600 livros encadernados com aproximadamente 300 páginas e 60 pastas contendo documentos diversos, não caracterizados no montante relacionado. Os livros estão organizados em estantes de aço e os documentos em folhas soltas estão acondicionados em pastas.

A documentação está identificada e classificada por séries documentais.

A documentação original do colégio sofreu, ao longo dos anos, da negligência típica atribuída, no Brasil, a conjuntos de memória, identificados, apenas, como documentos ou livros “velhos”. Essa forma de encarar o arquivo promoveu a desintegração de sua estrutura de ordenação, transformando o conjunto em matéria de depósito que, por força de lei, não podia ser descartada.

A importância desse arquivo para a pesquisa histórica se revela pela sua própria organicidade, como instrumento legal, como “*documento-monumento*”, que serve de base obrigatória para o estudo da História da Educação no Brasil. Como “*documento*” serve de testemunho escrito do fato histórico, facilmente identificado, por exemplo, nas famosas “Atas da Congregação” – onde eram registrados os debates, as orientações e práticas pedagógicas implementadas pelos professores catedráticos do Colégio e, que, em seguida, deveriam ser aplicadas nas escolas do país que desejassem a equiparação com o Colégio. Como “*monumento*” porque traz o passado para o presente, fortalecendo e perpetuando a tradição, enquanto proporciona ao historiador a possibilidade da observação histórica do passado.

Nesse contexto, será possível considerar a memória da educação brasileira sem destacar a importância do arquivo de memória do Colégio Pedro II?

Este arquivo é fundamental para o conhecimento da evolução do ensino secundário no país.

O arquivo do Colégio Pedro II pode subsidiar a compreensão da evolução do ensino no Brasil, através dos atos escritos, atos que deram a marca da educação brasileira.

Os documentos que compõem o arquivo são a representação do passado no presente, assumem a dimensão de prova testemunhal e resgatam a formação do processo de construção de uma identidade nacional.

O conjunto arquivístico que forma o arquivo histórico do colégio está localizado no NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II.

O NUDOM

O NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II, localizado na Unidade Escolar Centro – Rio de Janeiro, criado através de portaria da Direção Geral nº 1019 de 22/08/1995, é um núcleo institucional de pesquisa interdepartamental, aberto ao público, que tem por objetivos: a preservação e tratamento do acervo documental; organização de instrumentos de pesquisa para a recuperação da informação; prestar assistência a pesquisas e projetos desenvolvidos pelo Colégio Pedro II; colaborar com o desenvolvimento intelectual da comunidade acadêmica intercâmbio com instituições nacionais e estrangeiras; atender o pesquisador em nível de mestrado e doutorado.

O NUDOM custodia um acervo, que compreende um conjunto bibliográfico representado por livros didáticos das disciplinas ministradas no colégio desde o século XIX até o século XX, teses de concurso para a cátedra para ingresso na instituição (1878-1975), regulamentos e regimentos desde 1838, programas de ensino desde 1856, Coleção das Leis do Brasil – 1808 – 1962 (com algumas lacunas na coleção), a produção acadêmica atual (monografias de conclusão de cursos graduação e pós-graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado) de professores, funcionários e pesquisadores externos, obras de professores, ex-alunos e pesquisadores, que retratam a história da educação tendo como fonte o Colégio Pedro II; e um acervo arquivístico composto por documentos administrativos, que de acordo com Bellotto: “são os [...] produzidos por uma entidade pública [...] no transcurso das funções que justificam sua existência como tal, guardando esses documentos relações orgânicas entre si” (BELLOTO,1991:15) .

A importância documental do arquivo histórico revela o caráter cultural, intelectual e simbólico do Colégio Pedro II, como lugar de memória da educação no Brasil, qualificando o NUDOM como espaço que subsidia a pesquisa.

Instalações e condições de acesso

O NUDOM está localizado no 1º andar da Unidade Escolar Centro do Colégio Pedro II situada à Av. Marechal Floriano, 80 no centro da cidade do Rio de Janeiro. É formado por quatro salas contíguas que estão organizadas em: uma sala para o arquivo histórico, uma sala para o acervo bibliográfico, uma sala de consulta para os documentos textuais e iconográficos composta por seis mesas e cadeiras, um microcomputador disponível para o pesquisador fazer a consulta de cd-roms e uma sala para o processamento técnico do acervo.

O NUDOM permite a reprodução de partes da obra por meio de fotografia ou xerox, sempre às custas do solicitante, respeitadas as condições físicas do exemplar, e de acordo com as restrições e os critérios de raridade estabelecidos na política de desenvolvimento do acervo.

Como instrumentos de busca e acesso à informação disponíveis para o pesquisador, o NUDOM possui um catálogo em fichas do acervo bibliográfico, o Catálogo de teses e dissertações do Nudom (Impresso), obras de referência (Dicionários), cd-roms com o conteúdo de parte das obras digitalizadas do acervo.

Em concordância com a política de preservação e conservação, o LADAH – Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico do Colégio Pedro II, também localizado na Unidade Escolar Centro, está digitalizando, gradativamente, o acervo do arquivo histórico. Foi estabelecido um conjunto de prioridades técnicas para a digitalização dos itens, como: valor histórico para a instituição, estado de degradação física do item. Os livros são digitalizados e gravados em cd-roms.

Com esse procedimento pretende-se proporcionar maior longevidade dos itens, na medida em que o pesquisador vai realizar a pesquisa a partir do cd-rom do documento digitalizado.

O pesquisador é atendido mediante prévio agendamento por telefone ou e-mail.

METODOLOGIA

A classificação utiliza a concepção teórica da Organização do Conhecimento, para elaborar, com eficácia, um sistema, que a partir das características do material, monte uma estrutura funcional para auxiliar a análise e utilização de fontes de determinado campo de conhecimento.

Shera (1969, p. 37) diz que: “(...). Um sistema de classificação não é estrutura arbitrária ou abstrata, mas, sim, em um sentido muito real, uma função de interação entre as características do material a ser organizado e os respectivos padrões de emprego (...)”³.

A metodologia proposta é a identificação, através da descrição arquivística, da documentação para a construção do inventário sumário do Fundo Colégio Pedro II.

Para a construção deste instrumento de pesquisa – o inventário sumário – utilizamos as normas ISAAR(CPF) e NOBRADE, além do estudo de textos fundamentais, das teorias arquivísticas e da classificação.

A análise estrutural, ou seja, o estudo e levantamento de como o arquivo foi construído, propõe a elaboração de um inventário sumário do fundo Colégio Pedro II, concebido a partir das teorias arquivísticas e da Organização do Conhecimento, que releve a historicidade do arquivo de memória do Colégio Pedro II, e viabilize o acesso aos documentos que subsidiaram a construção da educação brasileira.

Para a elaboração do Inventário Analítico foram estudados e avaliados modelos de Inventários Sumários de instituições nacionais congêneres, como o Arquivo Nacional, Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Para fazer o instrumento de pesquisa utilizamos a NOBRADE - Norma Brasileira de Descrição Arquivística que é a adaptação da ISAD(G) – Norma geral internacional de descrição arquivística, e para a caracterização do produtor que é o Colégio Pedro II utilizamos a norma ISAAR (CPF) – Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias (2004).

As normas funcionam como orientação técnica para a elaboração do arranjo e da descrição arquivística respeitando o princípio da proveniência arquivística, fundamento da teoria arquivística em que deve-se reunir toda a documentação que se origina de uma mesma fonte produtora, em função da sua atividade fim.

De acordo com Pinheiro: “O trabalho de localização de itens, em face do crescimento dos acervos bibliográficos[e arquivísticos](...) vem exigindo modelos de notações que estabilizem o arranjo dos itens nas estantes” (PINHEIRO,2007: 22) .

Para facilitar a identificação, busca e acesso dos itens foi elaborado um modelo de notação que combina códigos alfabéticos e numéricos e apresenta da seguinte ordem:

Sigla do Colégio Pedro II – CPII – seguida do nome da subsérie

³ SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret E. *Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1969. 174p. p. 37.

Nome do item. Ex: Livro de Avisos do Ministério do Império

Data do item. Ex: 1848 - 1850.

Código de localização do item. Ex: BR RJCPII-COM/OFR-n.2; onde:

BR – Brasil

RJ – Rio de Janeiro

CPII – Colégio Pedro II

COM – Série Comunicações

OFR – Subsérie Ofícios Recebidos

n.2. – Número do item

Para fins de normalização a grafia nas descrições foi atualizada. Os dossiês estão arrumados em ordem cronológica crescente.

O arquivo histórico do Colégio Pedro II passa a ser denominado “*Fundo Colégio Pedro II*”.

A lógica que orienta a montagem / construção do inventário, ou seja, o sistema de arranjo fica expressa na organização do arquivo por séries e subséries documentais, baseadas no conteúdo dos documentos, ordenadas cronologicamente, de forma a abranger o conjunto documental, importa observar que o arranjo possibilita também uma forma de controle, identificação e gestão do arquivo, considerando as teorias consagradas da arquivística utilizadas para identificação de acervos documentais.

O fundo arquivístico reúne e ordena de acordo com o princípio da proveniência, a documentação oriunda de uma instituição (Entidade Coletiva). O princípio da proveniência – que corresponde a expressão francesa “*respect des fonds*” – é o princípio básico da teoria arquivística segundo o qual deve-se reunir toda a documentação que se origina de uma mesma fonte produtora, em função da sua atividade fim. O fundo é organizado em séries e subséries, tem como dimensão o total de 37,30m, reúne apenas documentos textuais, que estão organizados em livros encadernados de aproximadamente 300 paginas, ou em caso de folhas soltas, estão acondicionados em pastas.

Concluindo, este trabalho tem como perspectiva a circulação deste inventário como um instrumento de pesquisa para recuperação e busca da informação do acervo arquivístico, além da elaboração do registro de autoridade arquivística e da descrição do Fundo Colégio Pedro II, o que permitirá a inserção da instituição dentro dos padrões das normas internacionais para fazer parte de futuros projetos de intercâmbio com outras instituições

congêneres contribuindo, assim, para a divulgação e acesso da informação da documentação arquivística.

FONTES

BRASIL. Decreto de 2 de Dezembro de 1837, converte o Seminário de São Joaquim em Colégio de Instrução Secundária, com a denominação de Collegio de Pedro Segundo, e outras disposições.

_____. Decreto nº 4.073, de 03/01/2002 – Regulamenta a Lei nº 8.159, de 08/01/1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados.

_____. Decreto nº 4.553, de 27/12/2002 – Dispõe sobre a salvaguarda de dados, informações, documentos e materiais sigilosos de interesse da segurança da sociedade e do Estado, no âmbito da Administração Pública Federal, e dá outras providências.

COLÉGIO Pedro II. *Anuário*. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1914. 198 p.

DORIA, Escragnoille. *Memória histórica: comemorativa do 1º centenário do Collegio de Pedro Segundo (2 de dezembro de 1837 – 2 de dezembro de 1937)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1937. 341p.

GUADALUPE, Antonio de. Provisão de 8 de Julho de 1739[fundação do Colégio dos Órfãos de São Pedro, origem do Seminário de São Joaquim, que por Decreto de 1837, transforma-se no Imperial Collegio de Pedro II]. *Revista IHGB*, Rio de Janeiro, t. 9, p. 530-531. 1856. Transcrição feita pelo Sr. F. M. Raposo de Almeida.

VASCONCELLOS, Bernardo Pereira de. Regulamento n. 8 de 31 de janeiro de 1838. *Internato*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 109-128, jan. 1953.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vera Lucia Cabana Q. *Colégio Pedro II: um lugar de memória*. 1999. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.

BELLOTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1991. 197 p.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. *NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. 124 p.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso*. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007. 316 p.

CONSELHO Internacional de Arquivos. *ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística*. 2 ed., adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22

de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. 119p.

CONSELHO Internacional de Arquivo. *ISAAR (CPF)*: Norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. 96 p.

COOK, Michael. Desenvolvimentos na descrição arquivística: algumas sugestões para o futuro. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1-2, p. 125-132, jan./dez. 2007.

CUNNINGHAM, Adrian. O poder da proveniência na descrição arquivística: uma perspectiva sobre o desenvolvimento da segunda edição da ISAAR (CPF). *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1-2, p. 77-92, jan./dez. 2007.

DUCHEIN, Michel. O respeito aos fundos em Arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, 10-14 (1) p. 14-33, abr. /ago. 86.

DURANTI, Luciana. Origin and development of the concept of archival description. *Archivaria*, Canadá, n. 35, p. 47-54. 1993.

DUTRA, Eliana de Freitas. A tela imortal: o catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 159-179. 2005.

EASTWOOD, Terry. What is archival theory and why it important? *Archivaria*, Canadá, n. 37, p. 122-130. 1994.

FLEIUSS, Max. *História administrativa do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1925. 844p.

FONSECA, Maria Odila. *Arquivologia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 124p.

GALVÃO, Ramiz (org). *Catálogo da Exposição de História do Brasil*. Ed. fac-similar. Introdução de José Honório Rodrigues. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. 3v. (Coleção Brasil 500 anos).

GLÈNISSON, Jean. O objeto material da pesquisa: o documento. IN: _____. *Iniciação aos estudos históricos*. Rio de Janeiro; São Paulo: DIFEL, 1997. 370p. p.: 136 – 166.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ: MinC: Iphan, 2002.146 p.

HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos e interdisciplinaridade: algumas reflexões. In: SEMINÁRIO CPDOC 35 anos: A interdisciplinaridade nos estudos históricos, 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/> . Acesso em: 10/08/2008.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ENCICLOPÉDIA Einaud. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. v. 1: Memória-História. p. 95-106.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional; EDUSP, 1970. p. 277 (Biblioteca Universitária, 2. Ciências Sociais 31).

MOREIRA, Regina da Luz (org). *Arquivo Gustavo Capanema: inventário analítico*. Rio de Janeiro:CPDOC, 2000. 472p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, n. 10, p. 7-28, dez.1993.

- PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- PIEIDADE, Maria Antonieta Requião. *Introdução à teoria da classificação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221p.
- PINHEIRO, Ana Virginia. *A ordem dos livros na biblioteca: uma abordagem preliminar ao Sistema de Localização Fixa*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007. 66p.
- POIRIER, Anne; POIRIER, Patrick. Mnemósine. IN: BARANTIN, Marc; JACOB, Christian (org). *O poder das bibliotecas*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000. 351 p.
- ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol; ARES, Florence. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Dom Quixote, 1998. 356 p.
- ROUSSO, Henry. Mémoire et histoire: la confusion. *La hantise du passé, Entretien avec Philippe Petit*, Paris, Éditions Textual, 1998 [versão utilizada traduzida]
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p 94-101.
- SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais”, In: BRESCIANI, Stella e NAXRA, Marica. *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão invisível*, Campinas, Unicamp,2001.
- SANTOS, Maria José Veloso da Costa. A representação da informação em arquivos: viabilidade de uso dos padrões utilizados na biblioteconomia. *Acervo Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 20, n.1-2, p. 57-66, jan./dez. 2007.
- SANTOS, Vanderlei Batista dos. A prática arquivística em tempos de gestão do conhecimento. In: SANTOS, Vanderlei Batista dos. *Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento*. Distrito Federal: SENAC, 2007. p. 175-223.
- SHELLENBERG, Theodore R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 386 p.
- SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret E. *Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1969. 174p. p. 37.